

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CRONOLOGIA TEATRAL DE TIMOCHENCO

WEHBI

Aurélio Costa Rodrigues¹

Resumo

Este artigo apresentará, além de algum aspecto da trajetória de Timochenco Wehbi como dramaturgo, uma contribuição para a cronologia de seu teatro. O autor prudentino é pouco conhecido no âmbito das Letras, apesar de ter participado ativamente do meio teatral paulista nos anos de 1970-80 – ou até mesmo por isso. Com sua primeira peça recebeu o prêmio de Autor Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte. Daí para a frente, escreveu sete peças – excluindo-se as parcerias – até 1986, quando morreu aos 43 anos de idade.

Palavras-chave: Dramaturgia brasileira. Teatro paulista. Cronologia de Timochenco Wehbi.

Abstract

This article presents a contribution to the chronology of Timochenco Wehbi as a playwright. The author from *Presidente Prudente* is not well-known in the Letters context, despite having actively participated in the São Paulo Theater environment in the years 1970-80 - or even because of it. Due to his first play, he received an award for Revelation Author, from the Associação Paulista de Críticos de Arte. Thereafter, he has written seven plays – excluding the partnerships – until 1986, when he died at the age of 43.

Keywords: Brazilian drama. Paulista Theatre. Chronology of Timochenco Wehbi.

1 Introdução

O nome Timochenco Wehbi parece estar muito mais na memória de quem vivenciou o teatro dos anos de 1970-80. Na época existia certa emergência de novos autores. O jovem sociólogo foi um dos nomes que integrou tal agrupamento.

O contexto histórico não parece muito favorável à prática; sua primeira peça foi escrita em 1969, no auge das atividades dos censores da ditadura militar, que acabara de pôr em ação, um ano antes, seu AI-5. Escrever peças teatrais nesse período, principalmente para alguém sociologicamente orientado, era um exercício árduo.

Wehbi iniciou sua carreira acadêmica na Unesp de Presidente Prudente, sua cidade natal, no princípio da década de 1960; transferiu-se pouco tempo depois para a USP, na capital, onde recebeu o título de Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. Desenvolveu pesquisa ligada à sociologia do teatro e, no final dessa década, envolveu-se na co-fundação do “Teatro da cidade” de Santo André/SP. As ideias de Bertolt Brecht foram fundamentais em suas pesquisas.

Em 1969 tornou-se professor de História do Teatro Brasileiro, na Fundação das Artes São Caetano, depois de ter passado um tempo como professor de Língua Portuguesa no Ginásio Estadual Benedito Fagundes Marques, em Franco da Rocha/SP. Seguiu carreira

¹ É docente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS e mestrando em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.

acadêmica como professor e pesquisador da USP, na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas)/Departamento de Sociologia e depois na ECA (Escola de Comunicações e Artes).

Seu interesse pela arte remonta ao período em que ainda cursava o então ginásio, em sua cidade natal. Lá experimentou escrever crítica de cinema para o jornal local, *O imparcial*, no final da década de 1950. Daí podemos afirmar que seu interesse pela arte apareceu anteriormente à sociologia ou, talvez, que seu interesse pela arte o levaria à sociologia. Desde que iniciou a carreira acadêmica em ciências sociais, suas pesquisas direcionavam-se para a sociologia da arte, do teatro, principalmente.

Há apenas dois livros com a publicação de suas peças, um de 1980 (Editora Polis) e outro de 2013. Este último, publicado pela editora Terceira Margem, foi intitulado *O teatro de Timochenco Wehbi* (assim como o anterior) e organizado por Dilma de Melo e Silva e Heitor Capuzzo, em três volumes: dois volumes contendo as peças, outro contendo sua dissertação de mestrado, sua tese de doutorado, uma pequena cronologia, críticas sobre suas peças e depoimentos de amigos e pessoas que passaram por sua vida profissional.

Esses dois livros são praticamente os únicos materiais disponíveis sobre a obra de Timochenco Wehbi. O primeiro é de difícil acesso por ter tido uma tiragem pequena. O segundo, mais recente, possibilita mais acessibilidade aos textos. Ao ler esses livros, pudemos observar uma inconsistência significativa na cronologia dada. A partir da inconsistência da cronologia das peças de Wehbi, vamos apresentar considerações com o objetivo de melhorar a visão da cronologia de suas peças, já que, com a referida publicação de 2013, surge a possibilidade de pesquisadores se debruçarem sobre o autor. Até então, qualquer pessoa interessada em pesquisar as peças do prudentino encontrava grande dificuldade, pois só havia a pequena edição de suas peças feita em 1980 pela editora Polis.

2 Desenvolvimento ou considerações sobre a cronologia de Wehbi

A produção teatral de Timochenco Wehbi compreende as seguintes peças: **A vinda do Messias; Palhaços; Curto-circuito; A Dama de Copas e o Rei de Cuba; A perseguição ou O longo caminho que vai de zero a ene; As vozes da agonia ou Santa Joanhina e sua cruel peleja contra os homens de guerra ou contra os homens d'Igreja; Morango com chantily**. Nomeamos as sete peças escritas por Timochenco Wehbi, da primeira à última, excluindo-se a peça escrita em co-autoria com Mah Luly, **Bye, bye pororoca**, a pequena cena escrita para a Revista do Bexiga Nº Zero e **Erro de cálculo**, peça que permaneceu inacabada.

A ordem cronológica das peças de Wehbi, ora apresentada, é a que acreditamos mais pertinente. Chegamos a essa organização ao confrontarmos a cronologia dada por Dilma de Melo e Silva e Heitor Capuzzo em *O teatro de Timochenco Wehbi: Reflexões para o teatro* (obra de 2013) com informações postas no livro anterior, além de dados da *Folha de S. Paulo*, em críticas, notícias e notas da época. Acreditamos que a confrontação de tais informações possa colaborar com futuros pesquisadores dessas peças, de modo que possam ter mais acertada tal cronologia.

Embora em pesquisas atuais não haja preocupação com a questão de datas (porque em princípio elas não são mesmo de excepcional relevância, conforme a intenção de pesquisa), é sempre bom não nos esquecermos do que aponta Vitor Manuel de Aguiar e Silva, ao tratar d'A História Literária Segundo a Metodologia de G. Lanson, em sua *Teoria da Literatura* (1979). Segundo o autor, esses problemas de cronologia, embora se afigurem áridos e estéreis, são particularmente relevantes, pois a obra tem de ser situada no seu tempo, tem de ser conhecida e interpretada em função do contexto histórico em que se gerou, relacionando-a com as ideias, as correntes de sensibilidade, os processos literários, etc., de uma determinada época. (1979, p. 533).

Como futuras pesquisas acerca das peças de Timochenco Wehbi provavelmente tenham a publicação organizada por Silva e Capuzzo como uma importante referência – visto tratar-se de uma das pouquíssimas publicações sobre Wehbi – acreditamos pertinente discutir algumas incongruências de datas aí postas, pois o intervalo de tempo que torna equivocada a data da peça **Palhaços**, por exemplo (considerada uma de suas peças mais revisitadas), a colocaria como quinta ou sexta peça do autor.

Sabemos que todo escritor passa por fases e mudanças de estilo à medida que se especializa na escrita, e algumas conclusões de pesquisas se dão tendo essas fases como ponto de considerações. Para tentar minimizar o equívoco ao situar uma ou outra de suas peças, vamos revisar a cronologia dada por Silva e Capuzzo. Para tanto, confrontaremos as informações constantes da obra desses organizadores, associadas às informações contidas no livro publicado pela Editora Polis em 1980, além de buscarmos notas de suas peças nos arquivos do jornal *Folha de S. Paulo* para confirmarmos e ampliarmos nossas considerações neste trabalho.

2.1 A vinda do Messias

Sua primeira peça foi colocada no palco por Bertha Zemel, em 1970, sob a direção de Emilio de Biasi – produção iniciada em 1969. **A vinda do Messias** inaugurou a carreira de Wehbi como dramaturgo e já lhe propiciou a honra da premiação Autor Revelação, outorgada pela Associação Paulista de Críticos de Arte.² Essa montagem também premiou Bertha como melhor atriz, permanecendo em cartaz por cerca de dois anos, pelo que pudemos rastrear nos arquivos da *Folha de S. Paulo*. Posteriormente, em 1985, houve uma nova montagem da peça sob outro título, **O cheiro de homem**, com Georgia Gomide no elenco e dirigida por Plínio Rigon.

A personagem principal, Rosa Maria Aparecida dos Santos, “vive um tempo uniforme, repetitivo, circular em que o presente confunde-se com o passado e o futuro torna-se uma utopia” (WEHBI, 1980, p. 17). Ela não se encaixa na vida especializada industrial, vive isolada em um pequeno apartamento; o que sabe fazer é costurar, e o faz artesanalmente, enquanto espera que seu amor chegue, ou melhor, que volte, pois em sua ilusão o marido saiu para ganhar a vida e estaria prestes a voltar. Como afirma Liana Salvia Trindade:

Rosa constrói as imagens de seu amante através de fragmentos extraídos de ídolos dos meios de comunicação de massa. Nesta impossibilidade efetiva de realização humana faz com que o universo profano, constituído pelos produtos de uma cultura de consumo, adquira a dimensão sagrada da espera messiânica. (WEHBI, 1980, p. 17.)

A personagem é degradada, não é exemplo de nada que se possa seguir, como as peças políticas, comuns à época, faziam das suas personagens protagonistas. Basicamente a mira do autor estaria sobre o processo de industrialização e os possíveis efeitos da mídia sobre a personagem. É por isso que a industrialização e a mídia aparecem como elementos degradadores do homem – ou da mulher, no caso. Toda a história se dá demonstrando o dia a dia de uma pobre personagem que passa o tempo todo só, em uma ilusão matrimonial em que o suposto marido está sempre distante, literalmente, de si. Serão os meios de comunicação a sua companhia, sua “salvação”. Contraditoriamente, será dessa companhia que tirará os elementos de sua ilusão, seu abismo humano.

² *Folha de S. Paulo*, 30 dez. 1970.

2.2 Palhaços

Palhaços será considerada aqui a segunda peça de Timochenco Wehbi, diferentemente do que apontam a professora Dilma de Melo Silva e o professor Heitor Capuzzo:

1974 – Membro fundador da Associação Brasileira de Autores Teatrais. Neste ano, escreve *A PERSEGUIÇÃO OU O LONGO CAMINHO QUE VAI DE ZERO A ENÉ* e **também** *PALHAÇOS*, que se debruça sobre os dramas sociais do homem moderno. Talvez esta seja sua peça mais conhecida e aplaudida pelo público e, ainda hoje, é encenada com sucesso, como demonstra a apresentação ocorrida no Palácio das Artes (Belo Horizonte), em Janeiro de 2013. (SILVA; CAPPUZZO, 2013, p. 21; grifo nosso; caixa-alta dos autores).

O que está registrado leva o leitor a crer que **A perseguição ou O longo caminho que vai de zero a ené** e **Palhaços** foram escritas em 1974. Acontece que a inconsistência de datas encontradas no próprio livro publicado em 2013 leva à conclusão de que há um equívoco no que é aí posto. Devemos levar em consideração, além do mais, que o livro de 1980 publicado pela editora Polis, tendo apresentação da própria Dilma de Melo Silva (tendo sido consultado para a nova publicação), já trazia notas das principais montagens das peças, até aquele momento, numa seção inicial intitulada Fichas Técnicas, na qual se pode ler o seguinte sobre a peça **Palhaços**: “Estreada em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia, **em 1971**. Direção de Emilio di Biasi; com Emilio di Biasi (Caretta) e Umberto Magnanni (visitante); cenário de Glória (sic) Catisti” (WEHBI, 1980, p. 5; grifo nosso). Também encontra-se nesse texto a informação de que a peça estreou em Curitiba em 1973.

Ora, mesmo em uma verificação superficial da obra de 1980, podemos constatar que o texto **Palhaços** não foi escrito em 1974, como também não aconteceu nesse ano sua primeira montagem. Cremos que o fato de o projeto criado por um grupo teatral, tendo Fausto Fuzer como diretor da peça, em 1974 – projeto de levar teatro para regiões mais distantes do país – tenha ficado muito marcado na memória dos nobres professores, causando este equívoco. O projeto parece ter sido visto pelas pessoas da época como um grande feito, como podemos observar nas palavras de Clóvis Garcia (crítico teatral), em jornal da época:

O plano previa uma excursão pelo Nordeste, descendo depois para o Centro e a seguir para o Sul do país. Apesar de não ter obtido o apoio do Serviço Nacional de Teatro, que considerou inviável o projeto, ou talvez por isso mesmo, a Companhia já realizou temporadas, desde outubro, em vários Estados do Nordeste, chegando agora em São Paulo e pretendendo continuar para o Sul, cumprindo, assim, o objetivo que se havia proposto. Contando apenas com sua própria iniciativa e auxílios locais, está **realizando uma rara, meritória e quase heróica campanha**. (WEHBI, 1980, p. 51; grifo nosso).

A campanha deve, então, ter marcado os nobres professores e organizadores do livro de 2013, fazendo com que em sua cronologia registrassem a data de 1974. Então, o marco de uma produção cênica da peça foi dado como data de sua escrita.

Para dar maior precisão às nossas considerações, buscamos nos arquivos do jornal *Folha de S. Paulo* notas que pudessem confirmar as datas de montagem da peça; não só confirmamos a montagem de Emilio di Biasi em 1971, como encontramos outra montagem. Em 31 de agosto de 1970³, consta uma nota da liberação da Censura para a peça **Palhaços** dirigida por Sebastião Milaré, com José Fernandes e Jefferson Del Rios, além de divulgação de sua estreia na cidade de Uberaba em 12 de setembro do mesmo ano⁴.

Sebastião Milaré, escrevendo para a seção Depoimento da obra de Silva e Capuzzo, declara que a montagem teve poucas apresentações por cidades paulistas, pois o projeto de grupo dos integrantes não tinha força suficiente, “não havia, verdadeiramente, um projeto artístico comum entre os integrantes que desse sustentação ao grupo.” (SILVA; CAPUZZO, 2013, p. 274). Assim, será possível discordar da cronologia de Silva e Capuzzo com elementos do próprio livro e afirmar **Palhaços** como a segunda peça de Wehbi, escrita, no mínimo, anteriormente a agosto de 1970.

A peça teve diversas montagens, além de ter uma produção televisiva abrigada pelo projeto *Teatro dois* da TV Cultura. Houve montagem dessa peça também em 1981, dirigida por Antonio Ozório com o Grupo Matraca da Cooperativa Paulista de Teatro. Há ainda uma montagem deste texto sob outro título, **Faixa de segurança**, com direção de Afonso Barreira e atuação de João Antonio Ginca e Almir Nillson Rodrigues, em 1984. Outra montagem foi dirigida por Jorge Felix e Nelson Ferreira, com Paulo Azevedo e Arnaldo Apolônio, em 1987. Com direção de Gabriel Catellani e Alexandre Capelli e Mauricio Maia no elenco, a peça foi montada em 1993. Em 1995, foi produzida pelo grupo Eskina, com os atores Felipe Barros e Sandey Luis. Em 1997, foi montada pelo Grupo Ziembinski, com direção de Helio Talma. Ainda em 1997, o diretor Flavio Galhano fez uma fusão de **Palhaços** e **A perseguição ou O longo caminho que vai de zero a ene** numa montagem que ele intitulou **Palhaço de zero a P**. Em 2005, sob a direção de Gabriel Carmona, a peça foi mais uma vez montada, com Adalberto Feliz e Danilo Grangheia no elenco, ficando em cartaz em São Paulo até 2013; em 2014 seguiu para o Rio de Janeiro.

³ *Folha de S. Paulo*, 31 ago. 1970, Ilustrada, p. 3.

⁴ *Folha de S. Paulo*, 12 set. 1970, Ilustrada, p. 3.

2.3 Curto-circuito

A peça intitulada **Curto-circuito** já figurava no livro publicado em 1980 pela editora Polis. Portanto, parece-nos difícil aceitar a afirmação feita por Silva e Capuzzo em sua cronologia, quando apontam: “1986 – Em contato com psicodramatistas, **escreve** seu último texto CURTOCIRCUITO.” (2013, p. 21; grifo nosso; caixa-alta dos autores). No livro de 1980 não há menção a essa peça na seção Fichas Técnicas, mas a obra já trazia o texto teatral intitulado **Curto-circuito** e também duas análises da peça, uma feita por J. Teixeira Coelho Neto, outra por Alfredo Naffah Neto. O que talvez explique a consideração de Silva e Capuzzo seja o fato de a peça só ter tido uma montagem feita por atores conhecidos em 1987, sob a direção de Luis Carlos Moreira, com Celso Cardoso, Cuberos Neto e Iraci Tomiatto. Utilizando esse título, o grupo Teatro da Cidade, em 1991, apresentou a peça no festival de teatro de Pindamonhangaba. Em 1995, o diretor Luis Carlos Moreira reestrou **Curto-circuito**, desta vez com Beto Nunes, Celso Cardoso e outros, levando a montagem até 1997.

Somente o registro feito no livro de 1980 bastaria para afirmar que a peça é anterior ao ano de 1986 e, portanto, para legitimar nossa discordância quanto ao que foi registrado por Silva e Capuzzo. Contudo, a peça já existia sob o título de **Os Pierros**, encenada pelos alunos da Fundação das Artes São Caetano, no ano de 1971. Posteriormente, o autor mudou o título para **A última chuva de verão ou O dia de Pierrot**, tendo havido apresentações no decorrer do ano de 1971, com participação no IV Festival de Teatro Amador no Sesc Anchieta. Em 1972, a peça foi montada pelo Grupo Teatral Pasárgada, com direção de Dionisio Amadi. Diante do exposto, preferimos considerá-la a terceira peça de Timochenco Wehbi.

A peça parece conter material autobiográfico, por retratar um grupo de amigos que estão vivenciando a passagem da vida escolar que compreende o término do “terceiro científico” e as decisões sobre o futuro; são adolescentes envoltos em situações juvenis, nos planos de saída do interior, nos tabus quanto à virgindade e na homossexualidade latente. Além disso, a peça é apontada como o texto no qual Wehbi mais trabalhou, talvez até o final de sua vida, em 1986. Pode ser que ele permanecesse aprimorando o texto se vivesse mais tempo, mas o fato é que o teor da peça existe desde 1971.

Nessa peça, Wehbi utiliza um recurso que o moderno teatro brasileiro viu pela primeira vez em **Vestido de noiva**, de Nelson Rodrigues; há três planos de ação: Plano do presente, Plano do passado e Plano da imaginação de Kim, personagem central da trama. O autor faz indicações de cenas específicas demonstrando os planos:

Tais planos deverão ser delimitados por luz e som, entrando em cena os mínimos elementos [...] elementos que deverão estar em cena desde o início

assim como todos os atores devem permanecer no palco o tempo inteiro da peça, mesmo não participando diretamente da ação específica. (WEHBI, 1980, p. 175).

2.4 A Dama de Copas e o Rei de Cuba

Sobre **A Dama de Copas e o Rei de Cuba**, constam notas de produção no final de 1972, com estreia no dia 11 de maio de 1973, sob a direção de Odavlas Petti. Consideramos essa peça como o quarto texto de Wehbi. A montagem chegou a ser apresentada em Portugal. Houve ainda diversas outras montagens pelo Brasil. Também participou do Programa *Teatro dois*⁵ da TV Cultura, sendo dirigida por Silvio de Abreu. Teve uma adaptação internacional, com montagem em Bogotá, na Colômbia, em 1980.

O texto conta a história de Izildinha, uma operária de pouca instrução, e sua companheira de quarto, Expedita. Apresenta a ingenuidade de Inha e a consciência de Tita, que logo no início da peça se irrita com a situação da colega que não consegue perceber uma manobra do empregador; irrita-se mais ainda com os gostos de Inha relativos à programação de TV, com suas crenças em horóscopo e em publicação de carta no jornal para arrumar marido.

2.5 A perseguição ou O longo caminho que vai de zero a ene

Esta peça concretiza a incursão de Wehbi pelo teatro do absurdo. Em 1974, foi interpretada por Raimundo de Matos e Jair Assumpção, com direção de Marcio Aurélio. Em 1980, uma montagem teve a direção de Janô, com Carlos Takeshii e Flavio Colatrello, participando da Semana de Arte e Ensino na ECA. Em 1983, o Grupo Olho Vivo a montou, com direção de Luis Fernando de Resende, tendo no elenco Adelmo Rodrigues e Julio Callado. Em 1990, outra montagem teve a direção de Murilo Borges, com Ramon Vasques e Clarisse Costa no elenco. Em 2013, com direção de Vanderley Damaceno, a montagem contou com Anderson Negreiro e David Carolla no elenco.

2.6 As vozes da agonia ou Santa Joanhinha e sua cruel peleja contra os homens de guerra ou contra os homens d'Igreja

As vozes da agonia ou Santa Joanhinha e sua cruel peleja contra os homens de guerra ou contra os homens d'Igreja traz a saga de Joana D'Arc para o sertão brasileiro.

⁵ Foi um projeto de teleteatro da TV cultura, que adaptou para a TV diversas peças importantes na época.

Permanece inédita nos palcos, talvez por ter número elevado de personagens, mas o texto recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Anchieta de 1977.

2.7 Morango com chantily

Esta peça apresenta, também, traços autobiográficos, ao tratar de uma família interiorana às voltas com suas vidas, questionando o presente, relembrando o passado, durante um inventário familiar, salpicado por conflitos entre irmãos. A peça foi colocada no palco em 1986, sob a direção de Antonio do Valle, com Françoise Fourton, Antonio Patrics e outros.

3 Considerações finais

Timochenco Wehbi é um autor conhecido de uma parcela de pessoas do meio artístico teatral que vivenciaram um período histórico específico na cidade de São Paulo. Fora desse círculo, talvez, seja um ilustre desconhecido. A contribuição do livro organizado por Silva e Capuzzo é altíssima, já que, até então, só havia uma publicação das peças de Timochenco Wehbi numa edição de difícil acesso. Ainda, o livro traz artigos de críticos da época e depoimentos que auxiliam pesquisadores que queiram adentrar a seara de Wehbi.

Além de rapidamente apresentar o autor, encontra-se neste nosso trabalho um apontamento sobre a inconsistência da cronologia dada no livro organizado por Silva e Capuzzo, possibilitando a percepção dessa inconsistência por pesquisadores que desejarem enfrentar uma empreitada com os textos de Timochenco Wehbi, antes que acatem considerações equivocadas a respeito da evolução de sua escritura.

A discussão aqui posta não apenas faz um alerta quanto aos equívocos registrados na publicação de 2013, mas procura situar melhor a cronologia do teatro de Wehbi, confrontando as inconsistências de registros no interior do próprio livro publicado pela Terceira Margem, contrastando-os com dados do livro publicado pela Polis, além de recorrer a notas críticas e a outros textos jornalísticos da época de montagem das peças.

Referências

AGUIAR e SILVA, V. M. de. *Teoria da Literatura*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

FOLHA DE S. PAULO. Pesquisa na base de dados. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada/>. Acessado em: nov. 2013 a mar. 2014.

SILVA, D. de M. e; CAPUZZO, H. (Org.). *O teatro de Timochenco Wehbi: Reflexões sobre o teatro*. São Paulo: Terceira Margem, 2013.

WEHBI, T. *O Teatro de Timochenco Wehbi*. São Paulo: Polis, 1980.

Obras consultadas

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

KRISTEVA, J. Ideologia do discurso sobre a literatura. In: BARTHES, R. et al. *Masculino, feminino, neutro: Ensaios de semiótica narrativa*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 127-138. (Col. Literatura: Teoria & Crítica).

PAZ, O. Invenção, Desenvolvimento, Modernidade. In: _____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jeruza P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.